

Apresentação

Quando Vilém Flusser saiu de Praga, em 1939, foi para escapar ao avanço do nazismo na Europa. Boa parte de sua família foi assassinada nos campos de concentração. Movido pelo terror que parecia um prenúncio do apocalipse, ele não poderia ainda imaginar que a existência nômade se tornaria um modo de vida. Mais que isso, na verdade, viria a constituir um princípio essencial de seu pensamento. Como mostrou o crítico Robert Alter, em *Anjos Necessários*, os pensadores judeus da geração de Flusser fizeram do exílio uma espécie de condição existencial. Para Flusser, porém, a *Bodenlosigkeit* – a situação da ausência de solo ou fundamento – passou a representar o centro de seu universo de referências. Não se trata apenas de viver uma vida em exílio constante, como que navegando em um vasto oceano sem porto seguro. Trata-se de viver num permanente trânsito entre línguas, temas, preocupações e identidades. É por essa razão que Flusser não pode ser classificado simplesmente como um “teórico da mídia”. Quem percorre sua obra percebe rapidamente a espantosa vastidão das questões pelas quais ele se interessou.

Ecologia, história, arte, comunicação, cibernética, tecnologia digital, religião, literatura: parecia não haver limites para a curiosidade desse alquimista de Praga. Talvez, a bem da verdade, o fio que ligava essa impressionante diversidade de campos fosse o problema da identidade (em sua relação com a memória). A bela frase de Flusser “nós sobreviveremos na memória dos outros” é, nesse sentido, emblemática. Viver na memória dos outros é ser capaz de abandonar a “cápsula do eu” – uma expressão que o pensador usou com frequência – e habitar outros corpos e mesmo outras mentes. Por que não podemos ser um octópode, com seu cérebro semiesférico e sua percepção de mundo erótica? Por que não imaginar a existência como um orgasmo permanente, vivendo, assim, no “diapasão do orgasmo” (*in der Stimmung des Orgasmus*), como *Vampyroteuthis Infernalis*? Não é questão, necessariamente, de desenhar outros corpos orgânicos por via da engenharia genética – coisa que Flusser, de fato, não se abstém de imaginar. Podemos existir no outro, também e principalmente, por meio da imaginação radical. O mundo flusseriano é o mundo do encontro com a alteridade, uma atitude permanente de destemor diante do abismo espantoso do desconhecido. “Je est un autre”, diria ele com Rimbaud.

Certo, a comunicação constitui um dos eixos centrais dessa experiência, pois é ela que nos permite entrar em diálogo com o outro. Para Flusser, a Comunicologia seria, de fato, a mãe de todas as outras disciplinas, cumprindo o mesmo papel que a teologia exercia na Idade Média. Discípulo de outro grande pensador judeu, Martin Buber, Flusser só conseguia

criar conceitos nos intervalos dialogais. Só sou efetivamente eu quando me lanço ao encontro do outro e por ele me defino. O mistério da vida é esse trânsito de estranhamento; o estranhamento dos trânsitos. Quero estar onde já não sou. Quero superar a morte na arte, na recordação, na prolongação que toda espécie de alteridade me proporciona. Esse é o grande motto flusseriano. É verdade que Flusser foi exaustivamente criticado por sua falta de rigor. Mas o que exatamente significa o “rigor” quando colocamos sob suspeita nossas práticas científicas? Por que não permitimos fertilizar nosso pensamento com as armas da imaginação e do sonho? Pensar é imaginar futuros possíveis. Desse modo, a ficção científica nada mais é que o exercício das possibilidades de construção dos mundos. A primeira pergunta é sempre, portanto “e se?”; pergunta característica de uma filosofia do *als ob*, em alemão. Como Jorge Luis Borges, Flusser foi leitor de Hans Vaiginger (*Die Philosophie des Als Ob*, 1911), e encontrou nele uma inspiração fundamental para o método das ficções filosóficas. Mesmo a nossa ciência, que se deseja tão precisa e convicta, não sobreviveria sem os experimentos mentais e a imaginação.

É nesse horizonte da imaginação radical, daquilo que o islamólogo Henry Corbin chamou de “*mundus imaginalis*” (mundo imaginal), que Flusser escolheu habitar. Sem solo, portanto, dado que seu chão epistemológico foi feito da imaterialidade das imagens, das fantasias e das possibilidades. Não à toa, apreciava a palavra alemã *Angenommen* (“suponhamos”), título de um de seus mais criativos livros de ensaios. “Aos olhos do futurólogo, o devir é uma aventura (advenire, chegar)”, escreve ele ali. Só um pensamento que se aventura no possível é digno deste nome. Os diversos artigos compilados neste número da Intexto dão testemunho desse vasto e imaginativo horizonte de interesses que compunha o universo de Flusser. Em sua diversidade temática, eles nos ensinam que Flusser era um pensador do risco, da aventura; verdadeiramente, um explorador de abismos. Neste ano, em que celebramos o centenário dessa criatura singular, ao mesmo tempo tão próxima e tão distante de nós, a melhor homenagem que podemos prestar-lhe é não restringir horizontes. É assumir a radical atitude de Ulisses, que quer, insensato, escutar o canto das sereias. Talvez mesmo desistir de amarrar-se ao mastro para descer às profundezas com os seres míticos. Os que não temem a escuridão das fossas oceânicas irão acompanhá-lo nessa catábase (que é tão interior quanto exterior).

A entrevista que abre nosso dossiê, realizada por Anderson Gurgel Campos e Maurício Ribeiro da Silva com o professor Norval Baitello Jr., recupera a história por trás da fundação do Arquivo Flusser em São Paulo e coloca uma questão guia para os textos a seguir: qual a contribuição de Flusser para a área da Comunicação? A resposta de Norval, como já deixamos antever no nosso comentário acima, reposiciona a questão: afinal, diz ele, ela é muito estreita e não dá conta da pulsão do pensamento de Flusser. O desterro de Flusser não é apenas do chão de uma nação, mas também dos limites das disciplinas. Sua potência é saltar muros. É por isso que seus textos são cada vez mais atuais e tornaram-se referência obrigatória em áreas tão diversas quanto a filosofia, a comunicação, as artes e o design.

Seguimos para três artigos sobre vida e obra de Vilém Flusser. No primeiro deles, "A ruptura historicista de Vilém Flusser na autobiografia filosófica *Bodenlos*", os autores Bruno Garcia e Souza e Juliana Tillman investigam a metalinguagem filosófica da autobiografia de Flusser, *Bodenlos*, enquanto quebra da linearidade cronológica do tempo histórico. Usando um ferramental teórico do estudo de biografias e autobiografias, os autores investigam a "eterna busca de construção" da identidade de Flusser, impossibilitada (ou dificultada) pela expulsão de seu chão no República Tcheca pelos nazistas. O que se torna relato de sua vivência são suas ideias, transformando a prática filosófica em sua maneira de apreender o presente. O relato narrado por Flusser rompe com o regime de tempo historicista, para colocar em movimento uma percepção mais ampla e complexa não apenas do tempo, mas também da memória, do pensamento, da construção da identidade e, por fim, do próprio sujeito histórico.

No texto seguinte, "Engajamento desterrado: a relação de Vilém Flusser com o Brasil", Rafael Miguel Alonso investiga as diferentes formas como esse filósofo reconhecidamente nômade e apátrida (que em diversos escritos elabora um elogio ao exílio), construiu um engajamento político e afetivo com o Brasil. Para Flusser, viver o Brasil exige o engajamento daqueles que aqui vivem, a tomada de posição necessária para se "pendurar" em algo, o que quer que seja, para evitar a caída no abismo (*bodenlos*). Por mais de três décadas, Flusser engajou-se com o nosso país, até que a frustração com sua atuação no debate público midiático e nas instituições de ensino brasileiras o fizeram se mudar para a Provença francesa, espécie de "Anti-Brasil". Porém a distância física de Flusser nunca se traduziu em distância intelectual, muito menos afetiva: o filósofo continuou pensando as

questões do país e manteve-se próximo de seus interlocutores brasileiros, viajando o mundo com passaporte brasileiro. Para Alonso, a não-desistência do Brasil deixa pistas para compreendermos o país ainda hoje, a partir de uma posição "absurda": assumir a "ocidentalidade" presente no pensamento brasileiro e levar ela e o Brasil às últimas consequências. Uma posição que serve, ainda hoje, de chave crítica para o entendimento do Brasil contemporâneo.

Encerrando esta primeira série, Tiago da Mota e Silva e Norval Baitello Jr. também partem de trocas epistolares entre Flusser e o advogado José Bueno, entre 1972 e 1975, para investigar o posicionamento político do filósofo durante a ditadura. O texto "Flusser, o profeta invertido: a crítica à sociedade de consumo e ao aparelho da ditadura militar em correspondência de Vilém Flusser e José Bueno" demonstra, por meio da análise das cartas, a defesa incondicional de Flusser pela liberdade. Na correspondência privada, o posicionamento político de Flusser é muito menos ambíguo que em seus escritos públicos. Silva e Baitello Jr. mostram as críticas ferrenhas de Flusser ao regime militar, que mantinha o Brasil e o terceiro mundo presos à sua "tragédia inevitável". Essa crítica não é inseparável da teoria flusseriana: afinal, o "aparato civil-militar" da Ditadura é um aparelho que simula o pensamento tacanho de seus funcionários, incapazes de compreendê-lo por completo – e, hoje, de compreenderem a sua herança.

Os dois textos seguintes abordam um lugar pouco explorado da vida e obra de Vilém Flusser: a sala de aula. Em "Um curso de Teoria da Comunicação de Vilém Flusser: dimensão epistemológica e projeto pedagógico", Luís Mauro de Sá Martino analisa alguns aspectos da atuação de Flusser enquanto professor. No Arquivo Flusser de São Paulo, Martino descobre um programa de ensino e o material didático de um curso ministrado por Flusser em 1977, na Universidade de Marselha-Luminy, onde foi professor visitante. Investigando o esqueleto dessa cadeira de Teorias da Comunicação, o autor mostra como a prática pedagógica de Flusser é indissociável da dimensão epistemológica (e comunicológica) de seu pensamento. A Comunicação é, para Flusser, um campo fundamentalmente aberto e transversal, uma área de passagem e confluência de outras disciplinas, capaz de reestruturar o lugar dos saberes nas ciências humanas e de ajudar a superar a separação entre ciência, política e arte.

O texto seguinte dialoga diretamente com o artigo de Martino. Em "Os modelos culturais e a crise da educação: caminhos pedagógicos na Comunicologia de Vilém Flusser",

Diogo Andrade Bornhausen parte da crise do atual modelo cultural pós-histórico identificada por Flusser para indagar a centralidade da pedagogia para a Comunicologia flusseriana. Sabemos que o interesse de Flusser está em "como os códigos atuam sobre a cultura" condicionando as formas com que as sociedades pensam e vivem suas realidades. Bornhausen, atual diretor de pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, convoca textos pouco conhecidos onde Flusser aponta que a crise do modelo pós-histórico é mais profunda, pois recai sobre as estruturas educacionais em sua função de transmissora da cultura. É na educação que a transição entre os modelos histórico e pós-histórico encontra seus maiores desafios, algo que já era realidade para Flusser (e McLuhan) e que sentimos cada vez mais hoje em dia. Como resposta, Flusser propõe um novo modelo universitário que retiraria a primazia da especialização em benefício da universalização do saber, relacionando esse ideal renascentista com as novas tecnologias de comunicação.

Os textos seguintes dedicam-se à relação entre o pensamento de Vilém Flusser e de outros teóricos da Comunicação. Rodrigo Miranda Barbosa, em "Vilém Flusser e Marshall McLuhan e as eras comunicacionais", analisa sistematicamente as transições que os dois pensadores dos meios propõem para periodizar a cultura midiática. Assumindo que tanto McLuhan quanto Flusser compartilham os pressupostos da centralidade dos meios e sua não-neutralidade, Barbosa, especialista em Marshall McLuhan, demonstra como o filósofo tcheco-brasileiro está muito mais próximo do canadense do que gostaria de admitir em vida.

Já em "O Outro da comunicação: intersubjetividade em Vilém Flusser", Tiago Quiroga e Guilherme Policena partem da atual pandemia de Covid-19 para repensar o lugar do "outro" nos dispositivos telemáticos. Para os autores, a irrupção da catástrofe deste ano afastou a presença física do outro para que a buscássemos na comunicação à distância. Nesse cenário, o outro se torna o índice e o mecanismo de compreensão do estranhamento provocado pelo isolamento social. De Flusser, Quiroga e Policena retiram a intuição que os protocolos de informação técnica das redes telemáticas produzem uma relação não apenas objetiva, mas também intersubjetiva. Ao retirar o conceito de intersubjetividade do contexto tradicional da filosofia e da psicanálise, Flusser leva-o para o centro de um pensamento comunicacional. Os autores mostram como Flusser deriva da ideia de intersubjetividade (o estar consigo e com o outro), um pensamento sobre o conhecimento e a cultura. Como está escrito em sua lápide no cemitério de Praga: "Não morreremos conjugados. "Nós" nunca morreremos, porque apenas eu e tu, a solidão é para a morte".

A relação entre eu e o outro é o mote também do próximo texto, "Teoria da empatia e modelo praxiológico da comunicação: aproximações (improváveis) entre Flusser e Quéré", de Letícia Matheus e Raquel Dornelas. As autoras exploram o caráter dialógico do pensamento flusseriano e suas semelhanças (e diferenças) com Louis Quéré. A chave dessa relação está na ideia de empatia, tema explorado por Flusser em sua vasta obra, desde as lembranças autobiográficas (enquanto judeu exilado), até suas especulações filosóficas – por exemplo, na figura magnífica do Vampyroteuthis Infernalis, o "nosso inverso". Essa empatia só é possível na ruptura de uma "cápsula do eu", que libera a potência interacional dos sujeitos para a construção de sentidos que se expressam coletivamente em espaços públicos ou em rede.

Em "Um mundo de coisas mais competentes que nós: abrindo caixas pretas através de uma semiótica material em Vilém Flusser", Maurício de Souza Fanfa e Phillipp Dias Gripp encontram na obra de Vilém Flusser indícios para encaixá-lo na perspectiva de uma semiótica material inspirada em Donna Haraway e Bruno Latour. Essa é uma relação que faz sentido, sobretudo se levarmos em conta que tanto Flusser quanto este conjunto de autores focam sua atenção nos objetos e assumem uma posição que poder-se-ia rotular de pós- ou mesmo não-humana. A chave para essa passagem está no conceito flusseriano de caixa preta, que os autores consideram "mais amplo que a teoria ator-rede". Eles exploram essas ligações entre Flusser e a semiótica material a partir de uma breve análise do Instagram, espécie de caixa preta do pensamento imagético que desdobra em si várias outras caixas pretas.

O texto de Fanfa e Dias Gripp faz a passagem para o próximo conjunto de textos, que discutem a relação entre tecnocultura e imagem. Bárbara Héllen Menezes Fraga e Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle evidenciam a atualidade do pensamento flusseriano, ao destacar a ampla incidência de processos "tecnomediados na bios midiática digital em que estamos inseridos" ou, dito de outro modo, a enorme multitude de dispositivos midiáticos que condicionam decisivamente nossos modos de ser e de estar no mundo, exigindo assim uma filosofia da técnica, cada vez mais atenta às questões da liberdade, da desprogramação, do lúdico e da imaginação. O texto "Para brincar com caixas pretas: desprogramando dispositivos midiáticos" revisita esses conceitos-chave do pensamento flusseriano, aproximando-os da filosofia de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giorgio Agamben.

Já em “Pós-verdade, cálculos e tecnoimaginação: apontamentos para uma decodificação das imagens em rede”, Sonia Montañó e Jardel Orlandin exploram o sentido circular das imagens em rede. Usando a filosofia do design flusseriana como metodologia para observar as formas que (in)formam as imagens técnicas, os autores tentam decifrar os “mundos codificados” das tecnoimagens. Ligando a pós-verdade à ontologia e à epistemologia flusserianas, Montañó e Orlandin demonstram a construção da verdade na cultura ocidental na época das imagens técnicas, onde as referências ao real confundem-se com os metaprogramas das máquinas.

Ainda no campo da interseção entre tecnocultura e imagem, o artigo “Memes enquanto tecnoimagens: um olhar sob o prisma das teorias de Vilém Flusser” investiga esse fenômeno pervasivo da cultura digital contemporânea, a partir da filosofia da técnica flusseriana. Focando nos processos de produção, consumo e circulação dos memes, Arthur de Oliveira Rocha e Maria do Socorro Furtado Veloso buscam compreender as condições técnicas e socioculturais que permitiram não só a emergência, mas a consolidação desse gênero midiático pós-histórico (no sentido que lhe atribui Flusser), gênero que reflete metamorfoses culturais profundas, a um só tempo, epistemológicas, estéticas e políticas.

Em “Flusser em Wuhan: por uma economia política da imagem técnica na iconomia do capitaloceno”, Gilson Liberato Schwartz investe na leitura epocal de Flusser para pensar a economia política da imagem técnica, a fim de oferecer uma crítica ao nosso atual “antropoceno”. Schwartz aponta que a mudança de imaginação (imagina-ação) proposta por Flusser é também de ordem política e econômica, sobretudo se a era das imagens técnicas torna o valor algo “sem fundamento”. Contra (ou em frente a) isso, a iconomia se mostra como a capacidade imaginativa necessária para reimaginar um habitar junto na época do capitaloceno. Se o morcego de Wuhan é a besta que vilipendia nosso código genético, espalhando (imagens de) destruição, é no perspectivismo da filosofia/ficção científica de Flusser que se encontra a saída para um habitar conjunto à natureza.

No texto seguinte, “Entre prescrições e sobrescrições: a experiência da leitura em ambiência digital”, Carine Ochi Flexor discute a experiência da leitura digital, aproximando Flusser das materialidades da comunicação. Flexor observa o livro-aplicativo como um exemplo de prescrição e os protocolos de leitura como sobrescrição, tentando compreender as relações entre a pós-escrita flusseriana e a leitura nos ambientes digitais. Flexo aponta

para a interessante recursão entre o código prescrito aos aparelhos – que determinam seu funcionamento e as experiências decorrentes – e a escrita pós-histórica, fluindo em direção à tela, onde a liberdade e a coerção da leitura encontram um novo limiar. Se é a escrita que institui o humano (Flusser seguindo Heidegger), escrever com ferramentas que prescrevem a escrita em sua base técnica é uma constrição do humano ou é a possibilidade de encontrar aí a sua liberdade?

Já em “A gula de Flusser e o futuro ultratecnológico da comida: entre a ficção científica e a ciência ficcional”, Antônio Hélio Junqueira discute as representações midiáticas da tecnologia enquanto elemento estruturante da sociedade de consumo contemporânea. Tendo como suporte metodológico a análise de discurso, o texto analisa uma série de matérias jornalísticas publicadas em 2019 para mostrar as diferentes modulações na forma de representação da tecnologia em relação ao futuro da comida. De um lado, percebe-se uma confiança na “providência inesgotável da ciência e da técnica na sustentação do status quo da gula”; de outro, a necessidade da busca por alternativas, pela superação da técnica e do pensamento científico moderno para que possamos evitar cenários desoladores e catastróficos, como os que vivemos atualmente.

Por fim, apresentamos três textos que partem do pensamento flusseriano para dialogar com as artes. Em “Um diálogo entre cinema, arte e ciência; pistas para uma crítica aos paradigmas da ciência moderna”, as autoras, Isadora Ebersol e Ana Paula Penkala, constroem uma crítica aos regimes de verdade da ciência moderna e, por meio de um diálogo com o cinema, mais especificamente com os chamados mockumentaries (falsos documentários), apontam a emergência de novos paradigmas científicos, novas formas de escrita e de produção de conhecimento nas quais afirma-se a dimensão estética, especulativa e ficcional do pensamento – algo que tem sido conhecido, a partir de Flusser, como epistemologia fabulatória. Já em “Duas cosmogêneses como chave de leitura para a Ponte Flusseriana do design”, são investigadas as matrizes estruturantes do pensamento de Flusser sobre design. O artigo de Sérgio Luciano da Silva e Rita Aparecida da Conceição parte das narrativas cosmogônicas de Prometeu e do Gênesis para, no confronto com o pensamento de Flusser, questionar a cisão e a hierarquização das áreas do conhecimento moderno e defender o papel do design como ponte ou como grande articulador, aquilo que conecta, num só gesto, ciência, arte e técnica.

“Um apontamento à visão de Vilém Flusser sobre a escrita de roteiros ante a minissérie Hoje é dia de Maria”, de Luis Roberto Arthur de Faria, discute a produção de roteiros a partir do pensamento flusseriano. Tomado a premiada minissérie de Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho como exemplo, o artigo mostra como o roteiro pode ser pensado, a partir de Flusser, como um gênero textual mais inquieto e reflexivo, mais aberto à imaginação criativa, sendo capaz, em alguma medida, de subverter os programas impostos tanto pela indústria cinematográfica quanto pela lógica do espetáculo.

Encerrando o dossiê, em “Língua e discurso em Flusser e Foucault: um diálogo à espreita?”, Marcos Beccari propõe uma conversa entre dois autores bastante estudados na área, porém poucas vezes aproximados. Partindo do que é específico no pensamento de cada autor, Beccari procura por pontos de contato e de afastamento, sem precisar concluir por uma síntese que não faria justiça à potência e peculiaridade de cada um. Beccari ressalta que a produção de sentido processual de Flusser, sobretudo no clássico *Língua e Realidade*, faz de seu entendimento da língua o lastro ontológico dos processos de significação. Foucault, ao contrário, circunscreve a língua no discurso. Este é o ponto onde os autores estariam mais afastados. Do lado oposto, estariam mais próximos no “devir demiúrgico” que ambos conferem a seus objetos de pesquisa enquanto criadores/substanciadores de realidade: a língua, no caso de Flusser; o discurso, no caso do Foucault.

Como se vê, as reflexões feitas com e a partir do pensamento sempre vivo de Vilém Flusser são difíceis de “guardar em caixinhas”. Por mais que sua vida terrena tenha se interrompido nas estradas em direção à sua Praga natal, em 1991, a sua vida intelectual é ainda campo fértil onde nós, da Comunicação ao Design, vamos para brincar. Esperamos que a leitura deste dossiê apresente este pensamento paradoxal, e por isso mesmo rico, para os que ainda não o conhecem. Para aqueles que já foram tocados pela esperteza desse velho diabo, esperamos que ajudem a ampliar o entendimento que temos deste pensador selvagem. Ou talvez, como ensina o próprio Flusser, é quanto mais entendemos algo que menos sabemos. É de paradoxo em paradoxo que Vilém Flusser tornou-se incontornável para “entendermos” nosso conturbado século XXI.

Como diria o próprio mestre: “Meu bem, você não entendeu nada”.

Agradecimentos

Os editores convidados agradecem aos editores e revisores da Intexto e aos diversos pareceristas que avaliaram os textos submetidos. Agradecem também a todos os autores e autoras que submeteram seus manuscritos para serem avaliados pela comissão editorial.

Marcio Telles

Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil
tellesjornal@gmail.com

Osmar Gonçalves dos Reis Filho

Doutor; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil
osmargoncalves@hotmail.com

Erick Felinto

Doutor; Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, Brasil
erickfelinto@uol.com.br